

RUA HIPÓLITO DA SILVA

Decreto nº 92 de 13-03-1945

Decreto nº 94 de 16-05-1945

Decreto-lei nº 311 de 13-11-1945

Aprovado pela Resolução nº 2.069 de 1945 do Conselho Administrativo

Formada pela rua 1 da Vila Marieta

Início na rua Dr. Betim

Término na rua Silva Pontes

Vila Marieta

Obs.: O decreto nº 94/45 revogou o decreto nº 92/45 e ambos foram assinados pelo Prefeito Municipal, em Comissão, Per seu Leite de Barros. O decreto-lei nº 311/45 foi assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Joaquim de Castro Tibiriçá.

HIPÓLITO DA SILVA

José Hipólito da Silva Dutra nasceu em Campinas em 13-agosto-1858 e faleceu em Lambarí, Estado de Minas, em 24-setembro-1909. Era filho de Antonio da Silva Dutra e Brandina Maria de Jesús Dutra e foi casado com Emilia Branco da Silva, tendo três filhos: Hipólito Filho, Irene e Lúcia. Seus estudos foram feitos na escola do professor Malaquias Ghirlanda. Aos 13 anos seguiu para Santos e já iniciando seus trabalhos no comércio adotando a profissão de Contador, tendo sido guarda-livros em muitas firmas de São Paulo, Santos, Rio e Campinas. Durante os sete anos que permaneceu em Santos colaborou no "Diário de Santos", em "A Imprensa" e fundou o semanário satírico "O Raio", que marcou época na cidade praiana. Foi também o fundador do "Diário de Notícias", de curta duração. Em 1878 regressou a esta cidade, passando a colaborar na "Cidade de Campinas", editando, ainda por dois anos, o "Almanaque de Campinas". Em 1880, fundou aqui o "Correio da Tarde" e serviu, interinamente, em 1881, no cargo de secretário do Diretorio das Obras da Matriz Nova. Aqui, trabalhou no fôro, e por cinco anos, na empresa Lidgerwood, transferindo-se em ... 1882, para a casa matriz no Rio de Janeiro. Em fins de 1883, fixa residência em São Paulo, onde organiza a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio, da qual foi benemérito. Na imprensa paulistana colaborou no "Brasil Contemporâneo", "Opinião Nacional" e como abolicionista no jornal "Liberdade" e "Redenção". Na capital paulista, ao lado de Antonio Bento, organizava as falanges dos "Caifazes", que dava proteção e assistência aos escravos e se tornaram o terror dos escravocratas e governantes. É dessa época, um poema abolicionista dedicado a Luiz Gama e intitulado "Latifúndios", cuja publicação teve repercussão extraordinária. Na introdução desse livro colocou um conceito de Julio Ribeiro que bem retrata a sua personalidade: "O homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, comete um crime de covardia, é um mau cidadão". De 1887, como jornalista panfletário, orador e orientador das massas lutou pela causa republicana. Ao mesmo tempo colaborava no "Rebate". Quando o jor-

nal "A Província de S. Paulo" passou a ser "O Estado de S. Paulo", Hipólito da Silva assumiu a gerência, demonstrando ser excelente administrador, além de redigir diversas secções, sobressaindo-se a denominada "Pipocas", que sob o pseudonimo de Paff, analisava os fatos diários, em versos e trovas. Eleito deputado à Constituinte Paulista, mais tarde foi 1º secretário e reeleito. Afastando-se da política, voltou à imprensa, escrevendo para a "Federação" e no "Autonomista", este último, de sua fundação e propriedade. Foi membro da Junta Comercial do Estado de São Paulo e fundador e professor do Conservatorio Musical de São Paulo. Pertenceu à Academia Paulista de Letras.



Decreto N. 94, de 1945

REVOGANDO O DECRETO N. 92, DE 13 DE MARÇO DE 1945

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. III, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1.º — Fica revogado o decreto n. 92, de 13 de março de 1945.

Art. 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Paço Municipal de Campinas, aos 16 de maio de 1945.

P. LEITE DE BARROS

Prefeito Municipal, em Comissão

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 16 de maio de 1945.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Decreto-Lei N. 311

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando da atribuição que lhe confere o art. 12, n. 1, do decreto-lei federal n. 1.202, de 5 de abril de 1939,

DECRETA:

Art. 1.º — Passam a denominar-se, pela forma abaixo indicada, as seguintes ruas, avenidas e praças públicas constantes da respectiva planta rubricada pelo Prefeito, a saber:

RUA BARÃO DE PARANAPANEMA — antiga rua conhecida como Estrada da Baronesa, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Dr. Moraes Sales e termina na Rua Proença;

RUA LUIZ BALINCOURT — antiga Rua Seis, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SAINT HILAIRE — antiga Rua Cinco, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA SILVA MANSO — antiga Rua Quatro, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Alfa, da Vila Isabel;

RUA TENENTE GONÇALVES MEIRA — antiga Rua Dois, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguiana;

RUA BARÃO DE ANHUMAS — antiga Rua Um, da Vila dos Jequitibás, que começa na Rua Proença e termina na Rua Uruguiana;

RUA DONA OLÍVIA PENTEADO — antiga rua conhecida como Travessa da Saudade, que começa na Praça Voluntários de 32 e termina na Rua Abolição;

RUA SILVA PONTES — antiga Rua Dois, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina junto à divisa dos terrenos do antigo Hospital de Isolamento;

RUA HIPÓLITO DA SILVA — antiga Rua Um, da Vila Marieta, que começa na Rua Dr. Betim e termina na divisa dos terrenos de propriedade de José Penteado;

RUA MORAIS NAVARRO — antiga Rua Cinco, da Vila Marieta, que começa na Rua Seis, da mesma vila, e termina na rua conhecido como Ranulfo Sales;

RUA ALVARO VILAGELIN — antiga Rua Quatro, da Vila Marieta, que começa na Rua Moraes Navarro (antiga Rua Cinco), e termina na rua conhecida como Ranulfo Sales;

RUA FLORIANO CAMARGO PENTEADO — antiga Rua Cinco, da Chácara Vieira, que começa na Avenida da Saudade e termina na Rua Abolição;

RUA GENERAL LAURO SODRE — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, termina na divisa da mesma chácara;

RUA FRANCISCO DE ASSIS PUPO — rua sem denominação, da Chácara Árvore Grande, que começa no córrego e, seguindo paralelamente ao prolongamento da Rua João Teodoro, após uma curva, à esquerda, termina nessa mesma rua;

RUA CADETE JOÃO TEIXEIRA — antiga Rua Quatro, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, abaixo da Rua Joaquim Vilac, e termina na divisa da vila do mesmo nome;

RUA CORONEL JOAQUIM MONTEIRO — antiga Rua Cinco, da Vila Teixeira, que começa na Rua Joaquim Vilac e termina na divisa da mesma vila;

RUA JANUÁRIO DE OLIVEIRA — antiga Rua Dois, da Vila Teixeira, que começa junto ao leito da Estrada de Ferro Sorocabana, acima da Rua Cadete João Teixeira (antiga Rua Quatro) e termina na Rua Joaquim Vilac;

RUA MAJOR LUCIANO TEIXEIRA — rua sem denominação, que começa na Rua General Bento Bicudo e, seguindo em direção normal a esta, termina na Rua Governador Pedro de Toledo, próximo à Rua do Café;

RUA PADRE CAMARGO LACERDA (Padre Abel) — antiga Rua Cinquenta e Sete, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Emilio Henking, termina na Rua Circular Quatro, do Jardim Chapadão;

RUA DR. SALVADOR PENTEADO — antiga Rua Cinquenta e Oito, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Padre Camargo Lacerda (antiga Rua Cinquenta e Sete), termina na Rua Rafael Sales;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 2

RUA ESPANHA — antiga Rua Cento e Dez, do Bonfim, que começa no leito da Estrada de Ferro Mogiana e, seguindo paralelamente à Rua Dr. Salvador Pentecostado (antiga Rua Cinquenta e Oito), termina na Rua Alberto Sarmiento;

RUA ITALIA — antiga Rua Cento e Vinte e Nove, do Bonfim, que começa na divisa dos terrenos onde está situada a máquina de algodão de propriedade de Rafael & Cia. e, seguindo paralelamente à Rua Espanha (antiga Rua Cento e Dez), termina na Rua Alemanha;

RUA DAS PALMEIRAS — antiga rua conhecida como Travessa Sorocabana, do Bonfim, que começa na Avenida Pedro de Toledo e termina na rua conhecida como Avenida Sorocabana;

AVENIDA FRANCISCO ELISIÁRIO — avenida sem denominação, conhecida como Avenida Sorocabana, do Bonfim, que começa na Rua Pereira Lima, junto à passagem superior da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e, seguindo paralelamente à Avenida Governador Pedro de Toledo, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Fábrica João Jorge;

RUA REVERENDO EDUARDO LANE — antiga Rua Cento e Cinco, da Vila Nova, que começa na Rua Carolina Florence e termina na Rua Buarque de Macedo;

RUA CONSELHEIRO ANTONIO PRADO — antiga rua conhecida como Quinta Travessa, da Vila Nova, que começa na rua conhecida como Avenida Maria Lúcia e, seguindo em direção normal a esta, termina na divisa dos terrenos onde está situada a Estação da Rádio Difusora de Campinas;

RUA DONA ANA GONZAGA — antiga Rua Setenta e Sete, do Guaranabara, que começa na Rua Paula Bueno e, seguindo em direção normal a esta, termina nas proximidades do Canal do Saneamento;

RUA CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA — antiga Rua Cento e Sete, do Cambuí, que começa na Rua Emilia Ribas, abaixo da Rua Santo Antônio e, seguindo paralelamente a esta, termina no Córrego Proença (Avenida Perimetral);

RUA COMENDADOR TORLOGO DÁUNTRE — antiga Rua Um, da Vila Cambuí, que começa na Rua Barreto Leme e termina na praça de retórno;

RUA DOS ALECRINS — antiga Rua Vinte e Um, que começa na Rua Diogo Prado e, seguindo paralelamente à Rua Santo Antônio, termina no Córrego Proença (Avenida Palmeiras);

RUA CARLOS KAYSEL — antiga Travessa A, do arruamento Mário Sidow, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na Rua Maria Monteiro;

RUA LUIZ SILVEIRO — antiga Rua Sete, da Vila Marieta, que começa na rua conhecida como Ranulfo Sales e termina na Vila Paraíso;

RUA JOAO EGIDIO — antiga Rua Dez, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Avenida Washington Luiz;

RUA LEOPOLDO AMARAL — antiga Rua Ranulfo Sales, da Vila Marieta, que começa na Rua Sales Leme e termina na Rua Dr. Betim;

RUA PADRE BERNARDO DA SILVA — antiga Rua Um, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA PROFESSOR ADALBERTO NASCIMENTO — antiga Rua Três, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ELIAS LOBO NETO — antiga Rua Cinco, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA ARNALDO BARRETO — antiga Rua Sete, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. PINTO FERRAZ — antiga Rua Nove, do arruamento São Bernardo, que começa na Rua Dois e termina na linha de transmissão da Companhia Paulista;

RUA DR. BENIGNO RIBEIRO — antiga Rua Quatorze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório do arruamento;

RUA PAULO LACERDA — Antiga Rua Doze, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. ALVES DO BANHO — antiga Rua Dez, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. CASSIANO GONZAGA — antiga Rua Oito, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;



Decreto-Lei nº 311 de 13-11-1945 - Fls. 3

RUA DR. LAS CASAS DOS SANTOS — antiga Rua Seis, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA DR. FRANCISCO POMPEU — antiga Rua Quatro, do arruamento São Bernardo, que começa na Estrada de Vira Copos e termina no valo divisório;

RUA IMPERATRIZ LEOPOLDINA — antiga Avenida Maria Lins, (denominação popular), que começa na Rua Carolina Florence e termina na Avenida Brasil (Estrada dos Amarais);

RUA JOAQUIM GOMES PINTO — antiga Rua Beta, da Vila Progresso, que começa na Rua Coronel Quirino e termina na praça de retorno;

RUA BERNARDINO DE SENA — antiga Rua Um, da Vila Gagliardi, que começa na Avenida da Saúde e termina na Rua Abolição;

RUA CAPITÃO FELIPE NEKI — antiga Rua Dois, da Vila Gagliardi, que começa na Rua Bernardino de Sena e termina na praça de retorno;

RUA PADRE ANTÔNIO JOAQUIM — antiga Travessa Santa Teresinha (denominação popular), que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua Proença;

RUA DONA MARIA UMBELINA COUTO — antigo prolongamento da Rua Tiradentes, que começa na cerca da Companhia Mogiana, em continuação a Rua Tiradentes, e termina na divisa dos terrenos do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora;

RUA COMENDADOR QUERUBIM URIEL — antiga Rua Quatro, do arruamento Bueno de Miranda, que começa na Avenida Silva Teles e termina na Avenida Orosimbo Maia;

RUA PADRE JOSÉ TEIXEIRA — a travessa da Vila Maria Ercília, que começa na Rua Barreto Leme e termina na Rua Benjamin Constant;

RUA PEDRO ÁLVARES CABRAL — antiga Rua Alfa, da Vila Isabel, que começa na Rua Uruguaiana e termina na Rua General Marcondes Salgado;

PRAÇA JOAQUIM TEIXEIRA — a praça formada pela influência da Rua Paula Bueno e Estradas de Anhumas e Mogi-Mirim;

PRAÇA COMENDADOR SOARES — antiga Praça Proença;

RUA IRMÃ ANA JUSTINA — antiga Rua Cledes Barreto (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

RUA CONSELHEIRO GOMIDE — antiga Rua Correia de Lemos (ato de 7 de novembro de 1903);

RUA DONA JOSEFINA SARMENTO — antiga Travessa Maria Monteiro (ato n. 25, de 29 de junho de 1931);

LARGO DAS ANEORINHAS — antiga Praça Heitor Penteado (resolução n. 707, de 8 de março de 1923);

PRAÇA DR. HEITOR PENTEADO — a praça inicial da futura Avenida Dr. Campos Sales, no cruzamento dessa avenida com as de Ligação e Rua Onze de Agosto;

PRAÇA DONA JÚLIA LOPES — o trecho da Praça Ramos de Azevedo, compreendido entre as Ruas Marquês de Três Rios, Saldanha Marinho e Dr. Silveira Lopes;

RUA IRMÃOS BIERREMBACH — antiga travessa do mesmo nome (editál de 12 de setembro de 1927);

RUA ALFERES PAULA NOGUEIRA — rua conhecida como Travessa Irmãos Bierrenbach, que começa na Rua Irmãos Bierrenbach e termina na Rua Olavo Bilac;

RUA DIOGO PRADO — antiga Rua Dioguinho (ato n. 25, de 29 de junho de 1931).

Art. 2.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1945.

JOAQUIM DE CASTRO TIBIRIÇA

Prefeito Municipal

Publicado na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1945.

O Diretor,

ADMAR MAIA

(Aprovado pela resolução n. 2.069, de 1945, do Conselho Administrativo).



Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

VIII

HIPÓLITO DA SILVA

(Começa na rua Dr. Betim, e vai além da rua Silva Pontes, no Bairro da Vila Marieta)

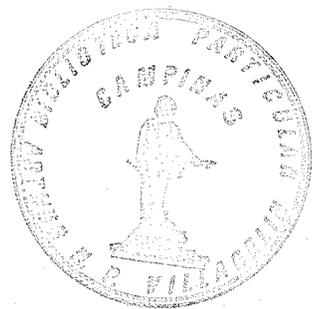
A denominação foi dada pelo Decreto n.º 92, de 13 de Março de 1945 e Decreto Lei n.º 311, de 13 de Novembro de 1945. Tem 10 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS

O jornalista e poeta Hipólito da Silva, nascido em Campinas aos 13 de Agosto de 1858, faleceu em Lambari, Estado de Minas Gerais, aos 24 de Setembro de 1909.

Fez em sua terra natal os estudos preparatórios para a carreira comercial, e seguiu para Santos, com apenas 13 anos de idade, residindo nesta cidade até 1878. Colaborou, durante esse tempo, no "Diário de Santos", em "A Imprensa", e juntamente com outros companheiros abolicionistas e republicanos, fundou o Semanário satírico "O Raio", que marcou época na cidade praiana. Foi também um dos fundadores do "Diário de Notícias" cuja duração foi curta. Em 1878 regressou a sua cidade natal, passando a colaborar na "Gazeta de Campi-

nas", editando, ainda por dois anos, o "Almanaque de Campinas" cuja publicação se interrompeu em 1874 com a mudança de José Maria Lisboa para S. Paulo. Em 1880, fundou em Campinas o "Correio da Tarde" e dois anos mais tarde seguiu para o Rio de Janeiro. Retorna a S. Paulo em 1885 e passa a colaborar em "A Redenção", tendo ainda parte ativa no movimento abolicionista chefiado por Antonio Bento. Em 1886 editou um panfleto abolicionista, em versos alexandrinos, denominado "O Latifúndio". Em 1888, vitoriosa a causa abolicionista entregou-se à propaganda republicana, cujo triunfo, a 15 de Novembro de 1889, o encontrou da administração do jornal "A Província de S. Paulo" (hoje o Estado de S. Paulo) onde escrevia em quasi toda as secções, além de manter uma sua, intitulada "Pipocas", na qual comentava em versos humorísticos os acontecimentos do dia. Foi membro da Intendência Municipal e do Congresso Constituinte do Estado. Ocupou o cargo de 1.º Secretário da Câmara Estadual.



HIPÓLITO SILVA - Nasceu em Campinas o poeta e jornalista, em 13 de agosto de 1858, falecendo em Iambari, Minas Gerais, a 24 de setembro de 1909. Depois de fazer na sua terra natal os estudos preparatórios para a carreira comercial, seguiu para Santos, com apenas 13 anos de idade, e ali residiu até 1878. Durante esse período, colaborou no "Diário de Santos", e em "A Imprensa" e fundou com outros companheiros, abolicionistas e republicanos como ele, o semanário ~~xxxixix~~ satírico "O Raio", que fez época naquela cidade. Foi também um dos fundadores do "Diário de Notícias" que teve curta duração. De regresso a Campinas, em 1878, sem deixar a profissão comercial, colaborou na "Gazeta de Campinas" e durante dois anos editou o "Almanaque de Campinas", cuja publicação ~~xxx~~ se interrompeu em 1874, com a mudança de José Maria Lisboa para S. Paulo. Em 1880, igualmente em Campinas, fundou o "Correio da Tarde", e dois anos mais tarde, seguiu para o Rio de Janeiro. Vinde para S. Paulo em 1885, colaborou em "A Redenção", e militou no movimento abolicionista chefiado por Antonio Bento. Publicou em 1889, "O latifúndio", panfleto abolicionista em versos alexandrinos. Vitoriosa em 1888 a causa da Abolição, entregou-se à propaganda da República, cujo triunfo, a 15 de novembro de 1889, o encontrou na administração do jornal "A Província de S. Paulo", (depois "O Estado de S. Paulo"), onde escrevia em todas as secções, além de manter uma própria intitulada "Pipocas", na qual em versos humorísticos comentava os acontecimentos do dia. Foi membro da Intendência Municipal e do Congresso Constituinte do Estado. Ocupou ainda o cargo de primeiro secretário da Câmara Municipal.



II - Hipólito da Silva

Poeta satírico e jornalista notável. Sua pena brilhante foi sempre uma arma de combate aos ridículos do mundo, aos desmandos dos potentados, às bazólias de toda espécie. No jornal "A Província de São Paulo" (hoje o Estado de São Paulo), possuiu êle uma coluna intitulada "Pipócas", onde comentava em versos humorísticos todos os escândalos da época. Foi um dos fundadores do jornal satírico "O Raio", em 1875, da cidade de Santos, cujo órgão foi o semeador da idéa abolicionista e da propaganda republicana, na terra dos Andradas. Na imprensa paulistana, além da "Província de São Paulo", colaborou no "Brasil Contemporâneo", "Opinião Nacional", "A Redenção" e outros. Em 1880, fundou em Campinas, o "Correio da Tarde", tendo sido antes colaborador da "Gazeta de Campinas", de Carlos Augusto Ferreira.

Em 1887, publicou "Latifúndios", poema abolicionista, em versos alexandrinos, merecendo os melhores elogios da crítica contemporânea. Eleito deputado, revelou-se na Assembléa, pelo brilho da sua palavra.

Após o advento da República passou a escrever na "Federação" e no "Autonomista", este último jornal de sua fundação e propriedade. Com Arlindo Leal e Peregrino da Costa, fundou em 1904, a revista "A Vida Paulista", onde brilhou pela última vez, o seu espírito cintilante. Nesse mesmo ano, reuniu em três volumes, sob o título "Humorismos da Propaganda Republicana", os artigos que publicou na coluna "Pipócas", sob o pseudônimo de "Paff".

Para se ter uma idéa, do espírito satírico de Hipólito da Silva, aqui apresentamos a primeira de suas "pipócas", datada de 23-7-1889:

Que ninguém me leve a mal
O que esta secção comenta:
A pipóca no jornal
E' a notícia que... rebenta!

Vê, leitor, se não sufocas
A inspiração que me sóbra;
Espera, que aí vão pipócas,
E aguenta, que lá vai obra...

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e um dos seus diretores.

Pertenceu à Academia Paulista de Letras. Nasceu em Pádua, Estado de Minas Gerais, aos 24 de setembro de 1909. X
Campinas, aos 13 de agosto de 1858 e faleceu em Lamim, Minas Gerais, em 1909.
Chamava-se: José Hipólito da Silva Dutra.



HIPÓLITO DA SILVA

O jornalismo e poeta Hipólito da Silva, nascido em Campinas aos 13 de agosto de 1853, faleceu em Lambari, estado de Minas Gerais, aos 24 de setembro de 1904. Era filho de Antonio da Silva Dutra e de d. Brandina Maria de Jesus Dutra.

Seguiu para a cidade de Santos após completar seus estudos aqui em Campinas, tendo nesta época apenas treze anos de idade, ficando nesta cidade até o ano de 1878. Durante esse tempo, colaborou no "Diário de Santos", em "A Imprensa", e juntamente com alguns companheiros abolicionistas e republicanos, fundou um semanário satírico "O Raio", que marcou época na cidade praia. Foi também um dos fundadores do "Diário de Notícias", cuja duração foi curta. Em 1878 passou a residir em Campinas, onde colaborou na "Gazeta de Campinas", editando ainda, por dois anos, o "Almanaque de Campinas" cuja publicação se interrompera em 1874, com a mudança de José Maria Lisboa para São Paulo. Em 1880, fundou o "Correio da Tarde", indo dois anos mais tarde para o Rio de Janeiro. Seguiu daí para São Paulo e em 1885 passou a colaborar em "A Redenção", tomando parte no movimento abolicionista chefiado por Antonio Bento. Em 1880, publicou um panfleto abolicionista em versos alexandrinos denominado "O Latifúndio". Em 1888, vitoriosa a causa abolicionista, entregou-se à propaganda republicana, cujo triunfo a 15 de novembro de 1889, o encontrou na administração do jornal "A Província de São Paulo" (hoje o Estado de São Paulo), onde escrevia em quasi todas as secções, além de manter uma sua, intitulada "Pipocas", na qual comentava em versos humorísticos os acontecimentos do dia. Foi membro da Intendência Municipal e do Congresso Constituinte do Estado, ocupando também o cargo de 1.º secretário da Câmara Municipal.

Cam

Centenário de Nascimento do Poeta e Jornalista Campineiro Hippolyto da Silva

Manifestações do dr. Sinésio Rangel Pestana, à imprensa, sobre aquela figura — A Abolição e a República formam dois ideais que perseguiu em vida — Missa em sua memória, hoje, na Basílica do Carmo, na capital paulista

Hoje, 13 de agosto faz 100 anos que nasceu Hippolyto da Silva. Poeta distinguido e jornalista dinâmico, foi uma vida inteira dedicada às grandes causas, que o tornaram uma das figuras mais queridas nas terras paulistas e brasileiras. E campineiro, acima de tudo, Hippolyto da Silva grangeou a admiração, a estima, a amizade e o afeto dos seus conterrâneos, pelo que possuía de talento e coração. Faz uma centúria que Hippolyto da Silva, o grande campineiro, viu a luz do sol, pela vez primeira em sua vida. E para falar desta simpática figura, nada melhor do que o dr. Sinésio Rangel Pestana, ilustre médico paulista, que conheceu o grande poeta e jornalista em vida, e cujas palavras de sua entrevista à imprensa vão aqui registradas.

PRESENÇA CATIVANTE

Sobre Hippolyto da Silva, fala assim empolgado, aquele ilustre facultativo paulistano: — “Que presença agradável e que palavra cativante! Sempre de bom humor, onde estava o Hippolyto, ali estava a alegria, o bem estar. Este era o seu segredo de atração e também a sua própria recreação, pois os seus trabalhos eram sempre intensivos e o modo folgado de tudo encarar com bom humor era a forma de dosar as preocupações que tinha com problemas de grande importância.

Seus estudos foram feitos na Escola do Prof. Ghirlanda, em Campinas. Aos 13 anos saiu de sua terra natal e já iniciou seus trabalhos no comércio adotando a profissão de contador, tendo sido guarda-livros em muitas firmas de São Paulo, Santos e Rio.”

DOIS GRANDES IDEAIS: REPUBLICA E ABOLIÇÃO

Continua o dr. Sinésio Pestana: “Ao lado da profissão que lhe dava a subsistência, empolgou-se por dois ideais: a abolição e a república. Como poeta e escritor empregou a sua pena em favor destas causas. E foi como jornalista lutando por esses ideais que o conheci, diz-nos o dr. Sinésio. E nos relata o fato.

Quando o jornal “Provincia de São Paulo” passou a ter o nome de “O Estado de São Paulo” o seu diretor Rangel Pestana tendo que ir para o Rio passou a direção do mesmo a Julio Mesquita e Hippolyto da Silva foi para a gerência. Companheiro de escola de seu conterrâneo Julio Mesquita bem conhecida o gerente que escolhera para o jornal. Se é verdade que Hippolyto era um poeta e um idealista não menos é verdade que o seu caráter trazia o traço da exatidão, da disciplina e por conseguinte, era excelente administrador.

Eu era menino no tempo em que Hippolyto trabalhava no “Estado de São Paulo”. Eu ali fazia, também, algum serviço. Apreciava os homens da direção do jornal e folgava imenso quando era convidado para participar das ligeiras refeições que juntos faziam Julio Mesquita e Hippolyto da Silva. Eu me sentia imensamente alegre no meio da prosa cordial toda revestida de bom humor que eles sustentavam. E daí passei a frequentar a casa de Hippolyto também, nessa ocasião, no largo de Santa Ifigênia, as reuniões aí eram animadíssimas

O espírito brilhante de Hippolyto havia encontrado no matrimônio uma companheira ideal. Emilia Branco da Silva talentosa e capaz de sustentar conversa sobre qualquer assunto, era também a dona de casa formidável que não descuidava da boa mesa tão do gosto do esposo e que constituía um ambiente para as reuniões dos idealistas”.

“CAIFAZES” EM AÇÃO

“Hippolyto da Silva cuidando de desenvolver o seu ideal abolicionista não só se servia das letras com a sua poesia e com a sua sátira, mas cuidava de ação realmente. Com seus companheiros fundou uma organização denominada “Caifazes” para trabalhar efetivamente pela abolição. Os seus componentes constituíram uma união ativa para as tarefas de fato, protegendo, refugiando e auxiliando o negro de todas as formas. Os “caifazes” estavam distribuídos por todas as classes sociais e dentre os elementos mais eficientes destacavam-se os cocheiros, pois estes faziam desaparecer, rapidamente, os escravos em ocasiões oportunas.

Certa vez, é o próprio Hippolyto quem nos relata em sua conferência “Os Caifazes”, uma senhora chegou à Estação da Luz com duas escravas mocas e logo à saída desapareceu-lhe uma das escravas. Dirigiu-se à Polícia para apresentar queixa e após ter pedido todas as providências para o delegado quando, ao sair, foi tomar um carro o cocheiro roubou-lhe a outra escrava, ficando, assim, demonstrada a eficiência dos cocheiros na campanha da abolicionista.

Os caifazes eram destemidos e usavam, se preciso, até do cacetete. Hippolyto, porém, tinha o seu cacetete que funcionava sempre: este era constituído da sua palavra audaz, oportuna e especialmente mordaz que punha a nu a situação.

Um de seus trabalhos, intitulado

lado “Latifúndios”, mereceu de Wenceslau de Queiroz, do “Correio Paulistano”, o seguinte comentário: “Os “Latifúndios”, vibrantes como um clarim, traziam a nota clara e sonora da propaganda abolicionista, a qual tocava quase a meta do seu triunfo, pois daí a sete meses, mais ou menos, a 13 de maio de 1888, terminou a formidável campanha pela proclamação da abolição do cativeiro no Brasil. Justo é dizer, pois, que Hippolyto da Silva, entre os poetas que teceram as cordas de sua lira à guiza de lategos para zurrir os obstinados senhores de escravos, ocupa um lugar saliente, um lugar seu, exclusivamente seu, pelo ardor, pela veemência, pela destemidez, pela convicção, pelo entusiasmo com que se atirou no campo da luta, em que se conservou, sem recuar um apice de sua linha de conduta, até o dia da vitória de suas idéias libertárias”.

Tanto na campanha abolicionista como na republicana estava Hippolyto ligado a elementos de valor nas letras e na política, tais como Francisco Glicerio, Manuel Ferraz de Campos Sales, Bento Quirino dos Santos em Campinas; Paulo Novaes, Bueno de Andrade, Julio Mesquita, Carlos Garcia em São Paulo eram seus companheiros. Muitas reuniões se fizeram em casa de Vitorino Carmilo sob a presidência de Cesário Mota. Hippolyto publicou, nessa ocasião, um poema abolicionista dedicado a Luiz Gama e intitulou-o: “Latifúndios”. Nele encontra-se bem marcado o espírito desse homem de grande capacidade literária e espírito irrequieto que vivia lealmente ao encarar o dever cívico. Na introdução desse livro colocou um conceito de Julio Ribeiro que bem retrata a sua personalidade. O conceito é o seguinte:

ATIVIDADES SOCIAIS

“Relativamente ao bem social, encarando os males da época Hippolyto da Silva procurou dar soluções aos problemas da classe do comércio a que pertencia, organizando a Sociedade dos Empregados do Comércio, onde a assistência social teria o seu lugar.

Ligado a Emilio Alves Ferreira e outros paulistanos organizou saraus ltero-musicais que muito contribuíram para a alegria da sociedade daquele tempo. Foi deputado à Assembléia Constituinte do Estado e na classe comercial se impôs de tal maneira tanto fez pela classe que foi deputado à Junta Comercial de São Paulo. Participou da Academia Paulista de Letras nos últimos tempos da sua vida, tendo sua cadeira sido preenchida, por ocasião da sua morte, por Spencer Vampré.

Ligado como esteve durante toda a sua vida aos fatos históricos de real importância nacional, foi membro do Instituto Histórico de São Paulo onde era, em geral, o orador escolhido para saudar, com sua encantadora palavra, os visitantes ilustres”.

Dos filhos de Hippolyto da Silva sobrevive a pianista Luc Branco da Silva, residente no Rio de Janeiro. Os dois outros: Hippolyto da Silva Filho e Irene Branco da Silva, são falecidos.

— “O homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve e que não diz seus compatriotas o que enterde de ser a verdade, comete um crime de covardia. é um má cidadão”.

Seguindo esse conceito, Hippolyto que tinha ideais a fervilhar no seu coração tratava de expandi-los com a máxima assiduidade possível por meio de sua palavra vibrante”.

FUNDADOR DE JORNAIS

“Assim é que em todas as etapas por onde andou, Campinas, Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, sua pena não só imortalizou o nome de quem a escreveu, mas deixou de passar papel as suas convicções relativas aos ideais que o empolgaram, mas foi um impenitente fundador de jornais. E Hippolyto tornou-se um semeador de meios de difusão do pensamento por reconhecer-lhe valor na vida da nação.

Apreciador da boa música foi com Wenceslau de Queiroz, Pedro A. Gomes Cardim, João Gomes, Carlos de Campos, Francisco de Azevedo, fundador do

Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, dando a esta instituição uma boa contribuição de suas energias. Também foi professor. Suas aulas são lembradas com carinho pelos que tiveram a satisfação de ouvi-las, como refere o desembargador Benedito Apio Bastos. O Conservatório desde logo tornou-se um centro de alta cultura musical e artística, conhecido em todo o país.”

Cam

Centenario de Hippolyto da Silva

Dois ideais empolgaram a vida do poeta e jornalista: a Abolição e a Republica — O dr. Sinesio Rangel Pestana nos conta coisas interessantes a respeito de um homem que ao lado de imensa atividade sabia ser uma presença cativante pelo brilho da sua conversação impregnada de bom humor — A eficiencia dos "caifazes", notadamente os cocheiros — Missa, amanhã, na Basilica do Carmo

Homem de incontestavel valor foi Hippolyto da Silva. A ocorrência da passagem do centenario de seu nascimento vem suscitando uma série de recordações por parte de parentes e amigos que guardam, com carinho, a lembrança de um espirito dos mais brilhantes cuja projecção alcançou grande repercussão nos movimentos abolicionista e republicano. Recordar a atuação patriótica, leal e eficiente de Hippolyto da Silva é trazer para a nossa época um exemplo de ardor, de coragem, de audacia até, para que os objetivos sadios alcancem a sua realização. Assim foi Hippolyto da Silva em face das causas que abraçou. Nada o impedia de batalhar pelo que julgava ser o melhor para sua pátria, tendo já, na época em que viveu, o mais completo sentido da justiça social, hoje ainda obscuro para muitos. Mas, não devemos nós prosseguir em considerações a respeito do valor de Hippolyto da Silva. Melhor falará quem tem recordações pessoais deste campineiro que dignificou a sua terra não só pelo seu talento como pelo seu coração. Eis por que, em companhia do dr. Joaquim Dutra da Silva, sobrinho de Hippolyto fomos à casa do dr. Sinesio Rangel Pestana que na sua adolescência não só conheceu o jornalista cuja pena incansavel lutou pela abolição e pela republica mas frequentou a sua casa, conhecendo-o na intimidade.

Dr. Sinesio Rangel Pestana, o illustre e querido medico paulista, na sua fidalguia habitual, nos recebeu com alegria ao saber das nossas intenções. E, prontamente, nos foi falando de Hippolyto da Silva.

— "Que presença agradável e que palavra cativante! Sempre de bom humor, onde estava o Hippolyto, ali estava a alegria, o bem estar. Este era o seu segredo de atração e também a sua propria recreação, pois os seus trabalhos eram sempre intensissimos e o nodo folgazão de tudo encarar com bom humor era a forma de dosar as preocupações que tinha com problemas de grande importancia.

Seus estudos foram feitos na Escola do Prof. Ghirlanda, em Campinas. Aos 13 anos saiu de sua terra natal e já iniciou seus trabalhos no comercio adotando a profissão de contador, tendo sido guarda-livros em muitas firmas de São Paulo, Santos e Rio.

ABOLIÇÃO E REPUBLICA, DOIS GRANDES IDEAIS

Ao lado da profissão que lhe dava a subsistencia, empolgou-se por dois ideais: a abolição e a republica. Como poeta e escritor empregou a sua pena em favor destas causas. E foi como jornalista lutando por esses ideais que o conheci, diz-nos o dr. Sinesio. E nos relata o fato.

Quando o jornal "Provincia de São Paulo" passou a ter o nome de "O Estado de São Paulo" o seu diretor Rangel Pestana tendo que ir para o Rio passou a direção do mesmo a Julio Mesquita e Hippolyto da Silva foi para a gerencia. Companheiro de escola de seu conterraneo Julio Mesquita bem conhecia o gerente que escolhera para o jornal. Se é verdade que Hippolyto era um poeta e um idealista não menos é verdade que o seu carater trazia o traço da exatidão, da disciplina e, por conseguinte, era excelente administrador.

Eu era menino no tempo em que Hippolyto trabalhava no "Estado de São Paulo". Eu ali fazia, também, algum serviço. Apreciava os homens da direção do jornal e folgava imenso quando era convidado para participar das ligeiras refeições que juntos faziam Julio Mesquita e Hippolyto da Silva. Eu me sentia imensamente alegre no meio da prosa cordial toda revestida de bom humor que eles sustentavam. E daí passei a frequentar a casa de Hippolyto também, nessa ocasião, no largo de Santa Ifigenia. As reuniões ali eram animadissimas. O espirito brilhante de Hippolyto havia encontrado no matrimônio uma companheira ideal. Emilia Branco da Silva, talentosa e capaz de sustentar conversa sobre qualquer assunto, era também a dona de casa formidavel que não descuidava da boa mesa tão do gosto do esposo e que constituia um ambiente para as reuniões dos idealistas.

NÃO SÓ IDEAL, MAS AÇÃO.

OS CAIFAZES

Hippolyto da Silva cuidando de desenvolver o seu ideal abolicionista não só se servia das letras com a sua poesia e com a sua sátira, mas cuidava da ação realmente. Com seus companheiros fundou uma organização denominada "Caifazes" para trabalhar efetivamente pela abolição. Os seus componentes constituíram uma união ativa para as tarefas de fato, protegendo, refugiando e auxiliando o negro de todas as formas. Os "caifazes" estavam distribuidos por todas as classes sociais e dentre os elementos mais efficientes destacavam-se os cocheiros, pois estes faziam desaparecer, rapidamente, os escravos em ocasiões oportunas.

Certa vez, é o proprio Hippolyto quem nos relata em sua conferencia "Os Caifazes", uma senhora chegou à Estação da Luz com duas escravas moças e logo à saída desapareceu-lhe uma das escravas. Dirigiu-se à Policia para apresentar queixa e após ter pedido todas as providencias para o delegado quando, ao sair, foi tomar um carro, o cocheiro roubou-lhe a outra escrava, ficando, assim, demonstrada a eficiencia dos cocheiros na campanha abolicionista.

Os caifazes eram destemidos e usavam, se preciso, até do cacete. Hippolyto, porém, tinha o seu cacete que funcionava sempre: este era constituído da sua palavra audaz, oportuna e especialmente mordaz que punha a nu a situação.

Um de seus trabalhos, intitulado "Latifundios", mereceu de Wenceslau de Queiroz, do "Correio Paulistano", o seguinte comentario: "Os "Latifundios", vibrantes como um clarim, traziam a nota clara e sonora da propaganda abolicionista, a qual tocava quase a meta do seu triunfo, pois daí a sete meses, mais ou menos, a 13 de maio de 1888, terminou a formidavel campanha pela proclamação da abolição do cativo no Brasil. Justo é dizer, pois, que Hippolyto da Silva, entre os poetas que teceram as cordas de sua lira à ruíza de lategos para

zurzir os obstinados senhores de escravos, ocupa um lugar saliente, um lugar seu, exclusivamente seu, pelo ardor, pela veemencia, pela destemidez, pela convicção, pelo entusiasmo com que se atirou no campo da luta, em que se conservou, sem recuar um apice de sua linha de conduta, até o dia da vitoria de suas ideias libertárias".

Tanto na campanha abolicionista como na republicana estava Hippolyto ligado a elementos de valor nas letras e na politica, tais como Francisco Glicerio, Manuel Ferraz de Campos Sales, Bento Quirino dos Santos em Campinas; Paula Novaes, Bueno de Andrade, Julio Mesquita, Carlos Garcia em São Paulo eram seus companheiros. Muitas reuniões se fizeram em casa de Vitorino Carmilo sob a presidencia de Cesario Mota. Hippolyto publicou, nessa ocasião, um poema abolicionista dedicado a Luiz Gama e intitulou-o: "Latifundios". Nele encontra-se bem marcada o espirito desse homem de grande capacidade literaria e espirito irrequieto que vivia lealmente ao encarar o dever civico. Na introdução desse livro colocou um conceito de Julio Ribeiro que bem retrata a sua personalidade. O conceito é o seguinte:

— "O homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, comete um crime de covardia, é um mau cidadão".

"Seguindo esse conceito Hippolyto que tinha ideais a ferveilha-rem no seu coração tratava de expandi-los com a maxima assiduidade possivel por meio de sua palavra vibrante.

FUNDADOR DE JORNAIS

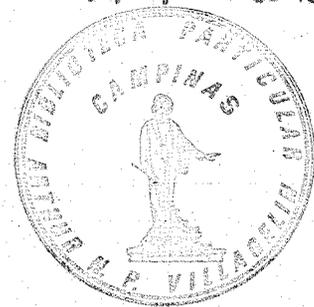
Assim é que em todas as cidades por onde andou, Campinas, Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, sua pena não só jamais deixou de passar para o papel as suas convicções relativas aos ideais que o empolgaram, mas foi um impenitente fundador de jornais. E' que Hippolyto tornou-se um semeador de meios de difusão do pensamento por reconhecer-lhe o valor na vida da nação.

parte politica a respeito do regime republicano, conservou até à morte o exercicio da sua atividade jornalística.

Apreciador da boa musica foi com Wenceslau de Queiroz, Pedro A. Gomes Cardim, João Gomes, Carlos de Campos, Pinheiro da Cunha, fundador do Conservatorio Dramatico e Musical de São Paulo, dando a esta instituição uma boa contribuição de suas energias tendo ali sido também professor. Suas aulas são lembradas com encanto pelos que tiveram a satisfação de ouvi-las, como refere o desembargador Benedito Alipio Bastos. O Conservatorio desde logo tornou-se um centro de alta cultura musical e arte dramatica, conhecido em todo país.

Cam

ANP 1 2123.13



OUTRAS ATIVIDADES

Relativamente ao bem social, encarando os males da época, Hippolyto da Silva procurou dar soluções aos problemas da classe do comércio a que pertencia, organizando a Sociedade dos Empregados do Comércio, onde a assistência social teria o seu lugar.

Ligado a Emílio Alves Ferreira e outros paulistanos organizou sa-raus lítero-musicais que muito contribuíram para a alegria da sociedade daquele tempo. Foi deputado à Assembléa Constituinte do Estado e na classe comer-

cial se impôs de tal maneira e tanto fez pela classe que foi deputado à Junta Comercial de São Paulo. Participou da Academia Paulista de Letras nos últimos tempos da sua vida, tendo sua cadeira sido preenchida, por ocasião da sua morte, por Spencer Vampré.

Ligado como esteve durante toda a sua vida aos fatos históricos de real importância nacional, foi membro do Instituto Histórico de São Paulo onde era, em geral, o orador escolhido para saudar, com sua encantadora palavra, os visitantes ilustres.

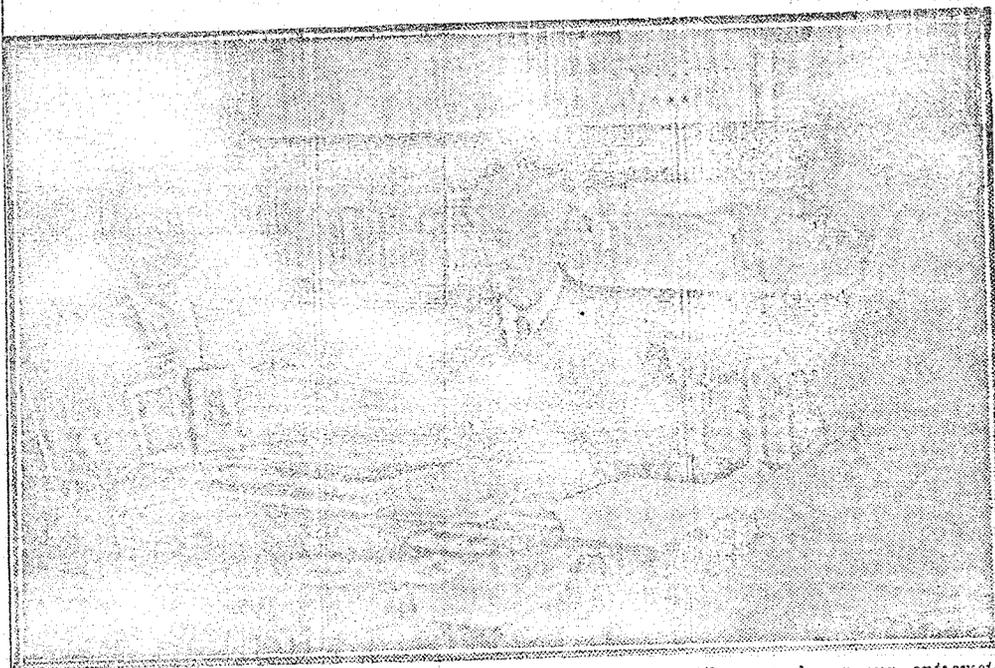
A visita que fizemos ao dr. Sinesio Rangel Pestana nos deu a feliz oportunidade de trazer aos nossos leitores alguma informação a respeito da personalidade de Hippolyto da Silva que pelo brilho da sua inteligência, pelo espírito de admirável sentido social e pelas virtudes de seu coração, foi um exemplo de grande valor para o seu tempo e cuja recordação não há de ser menos benéfica à juventude de hoje.

Uma comissão composta do seu sobrinho P. Dutra da Silva, dr. Sinesio Rangel Pestana, desembargador Benedito Alípio Bastos, comendador Norberto Jorge e Maria Lucia Sampaio Pinto apresentará sugestões para que seja reeditado o folheto "Caifazes", de grande valor histórico e instrutivo, portanto, no que diz respeito a traços ignorados a respeito do processo com que se operou a abolição em nossa terra, demonstrando, sobretudo, o que a força dos ideais.

MISSA NA BASILICA DO CARMO

Por intenção de Hippolyto da Silva será celebrada missa amanhã, dia 13, às 9 horas, na Basilica de Nossa Senhora do Carmo, à rua Martiniano de Carvalho, para a qual estão convidados parentes e amigos.

Dos filhos de Hippolyto da Silva sobrevive a pianista Lucia Branco da Silva, residente no Rio de Janeiro. Os dois outros: Hippolyto da Silva Filho e Irene Branco da Silva, são falecidos.



Dr. Sinesio Rangel Pestana ao lado do dr Joaquim P. Dutra da Silva, ao dar a sua entrevista

Cam



B. P. M. "Prof. E. M. Zick"

Ruas da cidade:

Documentário de Campinas

HIPÓLITO DA SILVA — rua

Começa na rua Dr. Betim e vai além da rua Silva Pontes, no Bairro de Vila Marieta.

A denominação foi dada pelo Decreto n.º 92, de 13 de Março de 1945 e Decreto Lei n.º 311, de 13 de Novembro de 1945. Tem 10 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS — O jornalista e poeta Hipólito da Silva, nascido em Campinas aos 13 de Agosto de 1858, faleceu em Lambari, Estado de Minas Gerais, aos 24 de Setembro de 1909.

Fez em sua terra natal os estudos preparatórios para a carreira comercial, e seguiu para Santos, com apenas 13 anos de idade, residindo nesta cidade até 1878. Colaborou, durante esse tempo, no "Diário de Santos", em "A Imprensa", e, juntamente com outros companheiros abolicionistas e republicanos fundou o Semanário satírico "O Raio" que marcou época na cidade paulista. Foi também um dos fundadores do "Diário de Notícias" cuja duração foi curta. Em 1878 regressou à sua cidade natal, passando a colaborar na "Gazeta de Campinas", editando, ainda por dois anos, o "Almanaque de Campinas" cuja publicação se interrompera em 1874 com a mudança de José Maria Lisboa para S. Paulo. Em 1880, fundou em Campinas o "Correio da Tarde" e dois anos mais tarde seguiu para o Rio de Janeiro. Retorna a S. Paulo em 1885 e passa a colaborar em "A Redenção", tendo ainda parte ativa no movimento abolicionista chefiado por Antonio Bento. Em 1886 editou um panfleto abolicionista, em versos alexandrinos, denominado "O Latifúndio". Em 1888, vitoriosa a causa abolicionista entregou-se à propaganda republicana, cujo triunfo, a 15 de Novembro de 1889, o encontrou na administração do jornal "A Província de S. Paulo" (hoje o Estado de S. Paulo) onde escrevia em quasi todas as secções, além de manter uma sua, intitulada "Pipocas", na qual comentava em versos humorísticos os acontecimentos do dia. Foi membro da Intendência Municipal e do Congresso Constituinte do Estado. Ocupou o cargo de 1.º Secretário da Câmara Estadual.



Hipolito da Silva

A 13 de agosto de 1858 nasceu em Campinas o poeta e jornalista Hipolito da Silva, falecido em Lambari, Minas Gerais, a 24 de setembro de 1909. Depois de fazer na terra natal os estudos preparatorios para a carreira comercial, seguiu para Santos ainda com 13 anos de idade e all residiu até 1878. Durante esse periodo não só colaborou no "Diario de Santos" e em "A Imprensa", como fundou, com outros companheiros abolicionistas e republicanos, o semanario satirico "O Ralo", que fez epoca naquela cidade. Foi tambem um dos fundadores do "Diario de Noticias", que teve curta duração. De regresso a Campinas em 1878, sem deixar a profissão comercial, colaborou na "Gazeta de Campinas" e, durante dois anos consecutivos, publicou o "Almanaque de Campinas", cuja edição se interrompera em 1874 com a mudança de José Maria Lisboa para São Paulo. Em 1880, igualmente em Campinas, fundou o "Correio da Tarde". Dois anos depois seguiu para o Rio de Janeiro. Publicou, em "Latifundios", panfleto abolicionista em versos alexandrinos. Vitoriosa a causa da Abolição, entregou-se à propaganda da Republica, cujo triunfo o encontrou na administração do jornal "A Provincia de São Paulo". Foi membro da Intendencia Municipal e do Congresso Constituinte do Estado. Ocupou ainda o cargo de 1.º-secretario da Camara Federal.